

## Psicanálise - Memória nas Memórias de Pedro Nava - uma introdução

Vanda Arantes do Vale<sup>1</sup>

Este ano comemora-se o Centenário de nascimento do médico e escritor Pedro Nava (1903-1984). A obra memorialística de Nava, publicada entre os anos de 1972 a 1983 foi sucesso de público e crítica quando de seu lançamento. Buscamos, neste texto, as observações que Pedro Nava (1903-1984) faz sobre a memória ao longo de suas Memórias e entrevistas sobre a questão. Contudo, o tema -memória - é recorrente na escrita de Nava. Em entrevistas e numerosos textos, Nava falou sobre o assunto. Por problemas de espaço, apresentaremos uma amostragem dos textos naveanos como uma introdução à obra literária de Pedro Nava. Destacaremos algumas entrevistas onde o autor fala das possíveis razões que o levaram ao memorialismo e textos escritos sobre a memória. Temos estudado a obra de Nava como contribuição aos estudos da História da Medicina (Vale; 2002), profissão do autor. Entretanto, a característica multifacetada da obra naveana tem nos levado ao estudo de aspectos que se fazem complementares ao nosso objeto de estudo, neste momento, as questões sobre a memória.

Entendemos a obra literária como testemunho histórico, criadora de uma realidade estética, a literatura é por nós considerada como " evidência histórica objetivamente determinada" (Chaloub; 1998, p. 7). Em 1972 o público brasileiro ficou conhecendo o livro *Baú de ossos* - memórias de autoria do médico Pedro Nava. Sucesso de público, vendas e crítica literária. Agrado e desagrado de muitos que foram mencionados no livro. Soube-se, então, que, Pedro Nava, conhecido médico reumatologista no Rio de Janeiro, aos 69 anos, publicava uma obra que seria marco da literatura brasileira. O autor em entrevista à Revista Status(1977) explicou os motivos que o levaram à escrita das Memórias:

Eu comecei a escrever as memórias para mim. Para guardar recordações familiares, para não deixar que fossem esquecidas, já que eu tinha boa memória. Mas a coisa foi se desenvolvendo e foi aparecendo um certo espírito literário dentro daquilo. Eu sempre procuro escrever com muito cuidado, de modo que o livro foi nascendo, mais ou menos aos poucos. Do desconchavado inicial foi tomando mais forma e de um volume para outro, mais ainda. Inicialmente, fiz aqui em casa leituras para minha

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de História – Universidade Federal de Juiz de Fora- [vandaval@artnet.com.br](mailto:vandaval@artnet.com.br).

família. Espalhou-se a notícia de que eu estava escrevendo. E alguns amigos quiseram ler. Entre esses, o Fernando Sabino, o Carlos Drummond. E eles deram a ler ao Oto Lara Rezende, ao Hélio Pelegrino, a várias pessoas. E todos então me inventaram na pessoa do homem de letras, dizendo que eu tinha de publicar, que aquilo não era uma coisa para ficar apenas como um arquivo particular, um arquivo secreto. Novamente foram os amigos que me empurraram (PNDU-53).

Ao afirmar que "foi inventado" como homem de letras pelo incentivo dos amigos, Nava testemunha aspecto fundamental para a obra do escritor ou do artista, a recepção do público. Se o primeiro livro foi publicado pelo estímulo dos amigos, parece-nos que os demais se seguiram pela recepção junto à crítica e ao público. Vemos nos projeto inicial do autor, lançamento de *Baú de ossos*, apenas registros para ficarem no âmbito familiar. O primeiro livro tem como subtítulo - memórias, sem numeração, pois, supunha-se que fosse único. Contudo, a recepção de público e crítica foram motivadoras para o autor prosseguir. No período de 11 anos (1972-1983) lançou, além do *Baú de ossos* - memórias (1972), *Balão cativo* - memórias 2 (1973), *Chão de ferro* - memórias 3 (1976), *Beira - mar* - memórias 4 (1978), *Galo das trevas* - memórias 5 (1981) e *O círio perfeito* - memórias 6 (1983).

Nos seis livros de Memórias, encontramos o testemunho de um arguto observador da sociedade brasileira (1890-1940) em seus diversos aspectos. Nava, também, foi ator social de destaque em fatos e acontecimentos que mostraram e apontaram para questões sociais brasileiras que foram discutidas no período. As memórias reconstituem fatos familiares ocorridos no Maranhão, Ceará e os testemunhos vividos pelo autor em Minas Gerais, Rio de Janeiro e interior paulista. O autor viveu em Juiz de Fora (1903-1909), Rio de Janeiro (1909-1911), Juiz de Fora (1911-1913), Belo Horizonte (1913-1915), Rio de Janeiro (1916-1921), Belo Horizonte (1921-1928), Juiz de Fora (1928-1929), Belo Horizonte (1929-1930), Monte Aprazível (1930-1933) e Rio de Janeiro de 1933 até sua morte quando suicidou-se em 1984 aos 80 anos. Ainda, na entrevista anteriormente transcrita, Nava considerou outras razões que o levaram à escrita das Memórias: ‘Pelo fato de a progressão de nossa vida nos levar a um confinamento, a uma redução de atividades, a uma redução de amizades. E esse vácuo que vai se fazendo nos traz para uma vida mais interior. E eu aproveitei e comecei a conviver mais comigo mesmo’ (Veja; 1974, p. 4).

A aposentadoria das atividades médicas em 1968, aos 65 anos e o início da escrita das Memórias, novidade para o grande público, não foi um fato surpreendente para o médico Pedro Nava. O sucesso das Memórias junto ao público pode ter surpreendido o autor, mas, a dedicação à escrita sobre sua vida e a de seus antepassados, segundo declaração na mesma entrevista, era um projeto, ainda que vago:

(...) Mas tenho a sensação de que inconscientemente já tinha a idéia há mais tempo. Mesmo para mim, meu trabalho quando relido, dá a impressão de uma preparação muito maior. E de fato, há trinta ou quarenta anos eu registro coisas e sou incansável guardador de papéis (id) -repórter - que documentos tinha guardado?

-Nava - todos os documentos de família. Inventários, testamentos, livros, despesas, cartas, fotos, livros de lembranças, um negócio que se chamava antigamente "Miscelânea", onde as pessoas iam colando tudo o que achavam curioso. Formei um arquivo bem grande (id.).

As fontes e as anotações condutoras das escritas naveanas estão no Arquivo do Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa Rui Barbosa no Rio de Janeiro. Organizada em pastas (PN) a documentação, doada em vida pelo escritor, fornece informações sobre a gênese de sua escrita. Além de recortes, cartas, documentos familiares, etc., mencionados na entrevista, Nava recorria ao Desenho como auxiliar na escrita das Memórias. Desenhou plantas de imóveis e de cidades, lugares onde viveu, rostos, roupas e interiores. O Desenho foi uma de suas ferramentas para a escrita. Nava, talento promissor do modernismo mineiro, deixou uma expressiva produção de Desenhos de sua juventude. Adolescente no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro colaborou e ilustrou a publicação estudantil - A tocha. Ilustrou em 1926 - Juiz de Fora - autoria de Austen Dourado, 1928 - Macunaíma de Mário de Andrade, 1937 - Roteiro lírico de Ouro Preto - Afonso Arinos de Melo Franco. Considerava sua produção poética de juventude como medíocre. Entretanto, em 1938 escreveu o poema O Defunto, que, em 1946 mereceu ser selecionado por Manuel Bandeira para a Antologia de poetas bissextos. Médico de 1927 a 1968, sobre o exercício e importância, desta atividade, em sua vida, na mesma entrevista, encontramos a declaração:

-A medicina lhe deu grandes prazeres? Teria, por si só, preenchido sua vida?

-Nava- Teria preenchido e preencheu muito bem. Por outro lado, ,minha obra literária não deixa de ser obra e médico. Quem olhar com atenção, perceberá o médico em cada página, a experiência dele na apreciação do ser humano (id. p. 6).

Entre os anos de 1972 e 1984 foi reconhecido pela crítica e pelo meio intelectual como comprovam os prêmios recebidos: em 1973- Personalidade Global e Prêmio Luisa Cláudia de Souza, 1974 - Prêmio Jabuti - Câmara Brasileira do Livro e Prêmio Fernando Chinaglia - Prêmio de Literatura da Associação Paulista de Críticos de Arte, 1975 - Prêmio Fundação Cultural do Distrito Federal - Brasília e Personalidade Global Literária (TV Globo e Jornal O Globo), 1983 - Diploma de Homenagem Especial, conferido pela União Brasileira de Escritores, em 1985 esse prêmio passou a ser denominado Pedro Nava e em 1984 - Prêmio José Olympio e Sindicato Nacional de Editores de Livros.

Médico, profundamente identificado com a profissão, nesta atividade, destaca sua paixão pelos estudos de Anatomia. Nos estudos anatômicos são observados os aspectos formais e constitucionais do corpo, indispensáveis para o conhecimento da fisiologia dos órgãos. Estuda-se a Anatomia, dos humanos e animais através da dissecação. Separa-se, na dissecação, as partes de um corpo ou órgão, assim, Nava escreveu sobre o conhecimento e a prática de Anatomia e comenta sobre Memória visual em *Beira - mar - memórias*<sup>4</sup>:

DOTADO de espírito visual, dono de uma memória ótica, que poucas vezes falha, ao ponto de saber, até hoje, se na página da direita ou na da esquerda de um livro que li muitas vezes (o Testut, por exemplo, Descritiva e Topográfica) e na dita página, se no alto, meio ou embaixo, está a figura ou o trecho que procuro - essa prenda concorreria para fazer de mim o grande estudioso de Anatomia que sempre fui. Se eu tivesse conselheiros vocacionais a orientar-me no curso médico - não teria hesitado entre a clínica externa e a interna, tampouco entre as especializações, para escolher finalmente a Reumatologia. Teria ficado com minha primeira namorada do curso superior - a morfologia do corpo humano. Para isto teria concorrido minha curiosidade jamais saciada e que em mim, mesmo no erotismo, se junta a uma espécie de animus dissecandi - se se permite esse macarronismo latino. Em mim o amor se junta a uma pergunta pela entranha e pela função que devo à marca profunda deixada pelos estudos da Anatomia Humana. Nesse ponto de vista e mutatis mutantis, também é possível que minha libido tenha me empurrado para o gosto pela Descritiva, para o gosto pela Topografia. Estou fazendo uma confissão e não importa que os psicanalistas descubram nesse depoimento traços de um Jack - the - ripper encubado, associado a um esboço de Sargento Bertrand...Tudo é possível. Basta-me o consolo de convidar os psicanalisticamente normais a atirarem a primeira pedra (Nava; 1978, p. 72).

Até então, assinalamos os possíveis motivos, ditos pelo autor, que levaram Nava à escrita de suas Memórias e as ferramentas utilizadas nesta tarefa. Destacamos o apreço de

Nava pela Anatomia, onde, cremos, está corroborada nossa constante afirmativa de que as Memórias naveanas são como que um bisturi dissecador da sociedade brasileira. Ao revolver suas entranhas, homem de seu tempo, Nava expôs os aspectos sócio-econômicos que permearam o Brasil no período de 1890 - 1940. A postura dissecadora e o olhar médico perpassam as Memórias, em todos os aspectos abordados, notadamente nas observações sobre a Memória.

(...) E como a conversa dos doentes é reveladora! Como todos, mesmo os chatos, se tornam interessantes quando falam de seus males. O Egon sabia dessa necessidade de conversar com o paciente, aprendera isto do Ari e não só do Ari mas de outro médicos e amigos – Galba Moss Veloso e Iago Pimentel – que primeiro tinham lhe falado de Freud. Ele tinha lido alguma coisa do bruxo de Viena – La psychopathologie de la vie quotidienne, Totem et tabou, Introduction a la psychanalyse – e vira que sem conversa não se chega a nada e que é conversando que a gente se entende...Lera os livros nas traduções de Payot. Não sabia bem porque, mas destas pessoas e destes livros é que viera sua mania de conversar com os doentes, de pesar as palavras deles e depois as suas (Nava; 1983, p.).

Egon é o codinome que Nava adotou para si nos três últimos livros de Memórias. A afirmativa, acima, identifica as fontes onde Nava teve contato com a Psicanálise. Procurando informações sobre os mestres de Nava, ficamos sabendo que Iago e Galba foram atuantes como psiquiatras e Ari Ferreira foi clínico e fisiologista em Belo Horizonte (Gusmão; 1997, p. 78). Em outro momento, comentando sobre o conteúdo de *A Revista*, Nava disse:

Com relação ao estrangeiro aparecem os primeiros conceitos, emitidos em Minas, sobre Proust, divulga-se o movimento dada, o suprarealismo, Erick Satie, Cocteau. Iago Pimentel difunde inauguralmente no nosso Estado ensinamentos sobre a Psicanálise e Freud (Nava; 1985. p. 220).

Em *Chão de ferro* – memórias 3 e *Beira-mar*-memórias 4 encontramos uma minuciosa reconstituição do curso de Medicina e da vida social de Belo Horizonte nos anos 20. Entre os anos de 1921 a 1923, Nava, com amigos, envolveu-se com atividades intelectuais que são parte da História do Modernismo em Minas Gerais. Reuniam-se no Café Estrela na Rua da Bahia, daí o epíteto de *Grupo Estrela* a estes jovens. Destacam-se: Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Emílio Moura, Aníbal Machado, João Alphonsus, Milton Campos, João Pinheiro Filho, Gabriel Passos, Pedro Aleixo, Hamilton de Paula,

Heitor Augusto de Souza, Francisco Martins de Almeida, Gustavo Capanema, João Guimarães Alves, Alberto e Mario Álvares da Silva Campos e Mario Casasanta. Posteriormente se juntaram ao grupo: Dario de Almeida Magalhães, Ciro dos Anjos, Guilhermino César, Ascânio Lopes, Luis Camilo de Oliveira Neto e outros (Vale; BH :2002). Estes nomes foram atuantes nas diversas esferas da sociedade brasileira. Drummond e Nava tiveram ativa participação na edição de A Revista (três números) que no seu lançamento em 1925 trouxe artigo de Iago Pimentel Sobre a Psycho-analyse que foi em Belo Horizonte, pioneiro na divulgação dos estudos freudianos e na introdução destes conhecimentos nos estudos das doenças mentais.

Nava estudou Psiquiatria no sexto ano (1927) do curso de Medicina, disciplina ministrada por Galba Moss Veloso. Sobre a disciplina e o contato com o professor comentou:

O docente Galba Moss Veloso era apenas um pouco mais velho que seus alunos e vários dentre nós tínhamos a prerrogativa de sermos seus amigos de fora da Faculdade. (...) Ele freqüentara muito o nosso Grupo do Estrela, sempre com seu inseparável Iago Pimentel. Eram ambos particularmente amigos de Alberto e Mario Campos e por intermédio desses dois é que vim conhecer aqueles jovens médicos. Eles se distinguiam pelo fino humanismo e pela cultura geral que eram sua marca. Para mim foi um prazer encontrar entre meus mestres do sexto ano o Galba, como eu o chamava, já que nossa convivência e simpatia tinham permitido que eu lhe tirasse o “doutor” e não precisasse lhe dar agora o “ Professor”. A ele devo essa admirável experiência do mestre próximo e acessível e as vantagens que disso advém para o aproveitamento de seus alunos. Muito atualizado, o Galba procurou nos dar um conhecimento aproximado da importância da Psiquiatria, da classificação das doenças mentais, detendo-se sempre na prática, quando os pacientes do *Raul Soares* lhe permitiam mostrar quadros ao vivo. Mais do que isto, foi do Galba que ouvimos os primeiros ensinamentos sobre o valor da Psicanálise como recurso de indagação psicológica e a profunda revolução que Freud e seus seguidores representavam para a Psiquiatria (Nava; 1985, p. 381).

O conhecimento com a Psicanálise determinou a conduta de Nava em suas relações médico - paciente. Encontramos diversas observações sobre esta questão. Por problemas de espaço, escolhemos fragmento de um texto da obra memorialística e outro dos estudos de História da Medicina. Encontramos no último livro de Memórias – *O círio perfeito*- as seguintes observações:

O médico precisa duma grande curiosidade de si mesmo e de suas reações diante dos fatos, das doenças e dos doentes para saber se está agindo bem e dentro do interesse primacial do seu paciente. Em outras palavras, deve se analisar em todas as circunstâncias procedendo a um verdadeiro exame de consciência (no sentido católico) ou uma severa autocrítica (no sentido marxista-leninista). (...) Pois bem, grande número de erros vem do estado de punição que o prático quer cominar ao seu doente por motivo qualquer – principalmente pelos motivos de rejeição pessoal, marginalização e discriminação que qualquer coisa no paciente torna-o passível aos olhos de seu médico. Uma simples antipatia dele pelo caso é o bastante. E como são antipáticos mesmo, os chatos, os pegajosos, os gliscróides, os maníacos, os incuráveis, os repugnantes, os grandes doentes sem mais nenhuma defesa ou remédio e para os quais os canalhas aventam a necessidade da eutanásia. Mas são todos criaturas humanas da importância imensa que cada indivíduo se dá- como todo direito. Cada um pode cantar a letra daquele velho fox – *I'm sitting on the top of the world...* Cada doente deve ser julgado pelo como ele se julga e não pelo julgamento que faz dele o seu curão. (...) O outro polo disto são o diagnóstico a que não se chegou e a terapêutica errada ou dolorosa – tudo dado ou feito com caráter não mais curativo, mas punitivo (Nava; 1983, p.227-228).

Em *Território de Epidauro* – publicado em 1947, Nava dedicou-se a observações de vários aspectos históricos da Medicina, a exemplo: *Algumas origens da Medicina brasileira; Apontamentos sobre as origens da Medicina espanhola; Apontamentos para o estudo dos primórdios da cirurgia vascular no Brasil; As origens francesas da Medicina brasileira*, etc.. Destacamos *Revivescências* – escrito dividido em duas partes. Em Revivescência I (Esboço histórico e interpretativo da posição do espírito do doente diante do tratamento) apresentou um sumário onde sintetiza os assuntos tratados: posição do espírito do doente em relação ao tratamento, determinado pelo psiquismo profundo. Nava citou a pesquisa de Mario de Andrade – *Namoros com a Medicina*, trabalho antropológico. Percebemos então, que Nava, ao pretender escrever sobre a História da Medicina, fez observações de caráter interdisciplinar, postura valorizada após os anos 80 do século XX. Destacamos:

É sempre muito interessante para o médico observador, verificar a posição e as reações obscuras do psiquismo dos doentes, com relação aos remédios e tratamentos que lhes são impostos. E a análise dessas simpatias e antipatias, aparentemente sem explicação, vai mostrá-las radicando nessas dobras da personalidade onde, vivem sua vida profunda, as idéias mágicas, os complexos de culpa com as necessidades correlatas de punição, os conceitos de inviolabilidade de todo individual, os instintos de comunhão com a energia universal (Nava; 1947; p. 17-18).

Pedro Nava foi um modernista brasileiro. Homem que viveu por 80 anos no século XX. Testemunha que observou e relatou aspectos da sociedade brasileira no período de 1890-1940. Seus escritos sobre a Medicina alargam o conhecimento sobre o Modernismo. O movimento tem merecido estudos, predominando os que se centram sobre Rio e São Paulo. Entretanto, a vertente do movimento modernista em Belo Horizonte foi ativa e marcou a sociedade brasileira como vemos nos nomes transcritos anteriormente. Estudos acadêmicos têm se debruçado sobre período, em Minas. São estudos que têm se preocupado com a política, sociedade e cultura. Após a leitura da obra de Nava vemos que, a Medicina foi um dos mais importantes aspectos do modernismo mineiro.

Lembrando da entrevista, onde fala sobre a importância da Medicina em sua obra literária: “(...) Por outro lado,, minha obra literária não deixa de ser obra de médico. Quem olhar com atenção, perceberá o médico em cada página, a experiência dele na apreciação do ser humano” (PN1153). cremos que a postura de Anatomista em Nava o fez receptivo aos princípios da Psicanálise. Não seria, a Psicanálise, a dissecação do comportamento humano? Contudo, Nava e obra estão inseridos em seu contexto histórico. A recepção da Psicanálise por Ari Ferreira, Galba Veloso, Iago Pimentel e Pedro Nava, ocorreu na década de 20. Recepção similar houve em São Paulo, Rio por psiquiatras e por intelectuais (Perestrello; 1988); período que mostra as fissuras da sociedade que fez da Abolição (1888) e a República (1889), apenas ajustes institucionais necessários aos tempos do capitalismo monopolista deixando intactas as estruturas do Império. O ano de 1922 foi o da Fundação do Partido Comunista, Movimento dos Tenentes e Semana de Arte Moderna.

É possível identificar, na década de 20, a ampliação do universo intelectual brasileiro. Ainda que tendo como focos irradiadores Rio e São Paulo, a necessidade de um Modernismo ou da modernização da sociedade, em seus múltiplos aspectos, foi discutida por grupos em diversos pontos do país. Nomeamos os principais modernistas que atuaram na capital mineira. Fazendo um recorte, no período, dissecando as diversas partes da História da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, onde Nava estudou no de 1921 a 1928, temos uma significativa amostragem do Modernismo Mineiro e Brasileiro. Estudamos aspectos da questão em *A contribuição da obra de Pedro Nava para a História da Medicina brasileira*



(1890-1940) (CES). Destacamos a organização do ensino e prática da Medicina como estratégia das elites para modernizarem o país e o tornar adequado para o processo de industrialização. A Era Vargas (1930-1945) institucionalizou e realizou propostas de algumas das vertentes modernistas na organização pelo Estado das relações trabalhistas, atrelando os sindicatos ao poder; adoção de reformas educacionais, quando foram aplicadas propostas da Psicologia; criação de universidades; organização da burocracia estatal; instalação de indústria de base, etc. A Psicanálise, no período, foi assimilada como mais uma nova ferramenta científica. Desvelando aspectos do comportamento humano poderia contribuir para melhor inserir os indivíduos na sociedade. A leitura da Psicanálise, a exemplo da feita por Nava, orientada pelos professores, é perpassada pela visão positivista, identificam-se questões, descrevem-nas minuciosamente, estabelecem-se padrões de normalidade e anormalidade e prescrevem-se soluções. Segundo; Christian Inglo Lenz Dunker:

A assimilação disciplinar da psicanálise, atestada pela sua associação posterior ao “movimento higienista” combina-se portanto com uma assimilação liberal, atestada pela sua associação às vanguardas intelectuais e artísticas. Esta dupla filiação estende-se até a década de 50. Por um lado a serviço do projeto desenvolvimentista, a psicanálise era um útil instrumento ideológico para subsidiar a política de saúde mental, educação e progresso, assim como servia para os que viam com distanciamento e crítica os efeitos assistencialistas e patriarcalistas de tal proposta (Dunker; 2002).

A influência da Psicanálise na escrita naveana é clara e evidente, pelo que o autor registrou, aprendizagem nas aulas de psiquiatria e pelo que está implícito em observações como a feita em fragmento de uma entrevista:

-Fala-se muito da influência de Proust em sua obra. O que pensa a respeito?

-Minha primeira leitura não foi entusiástica. O Martins de Almeida dizia que ele deveria ser tomado às colheradas, e não de uma vez, como em chope duplo. Gosto muito do Proust. Até hoje não dispense a velha edição na qual o li. Fiz um índice que me é valioso. Tenho um amigo médico, Hélio de Lima Castro, que é um conhecedor admirável do autor francês. Sempre que descobrimos alguma coisa nova na Recherche nos escrevemos. Comparo o estilo de Marcel Proust a uma orquestra. Só o passar dos anos, o estudo, a intimidade, nos dão a capacidade de distinguir os instrumentos. Existem dois tipos de memória: a voluntária e a involuntária. A primeira é quando decidimos reconstruir um período da existência por vontade própria. A segunda, ocorre por associações. Quando visitei a casa de minha infância, na rua Aristides Lobo, ela estava tão diferente que não pude me lembrar de quase

nada. De repente acendeu-se uma luz, e apareceu o desenho no vidro da janela. Isso só bastou para me restituir a casa antiga, o meu pai, a vida dele, de maneira proustiana (PN024).

No trabalho de busca da influência da Psicanálise nos escritos naveanos trilhamos pelos livros de sua autoria; caminho que temos feito com alguma frequência por sermos leitora do memorialista e pelo prazer do contato com sua obra. Também temos trabalhado com Nava como atividade acadêmica, elaborando a pesquisa – *Medicina e sociedade brasileira (1890-1940)*- memórias de Pedro Nava. Ainda assim, temos surpresas com o autor. Mesmo tendo afirmado, em textos anteriores, que a obra naveana possui caráter enciclopédico, a cada leitura deparamos com aspectos que são como que novos verbetes. Na leitura para este texto deparamos com informações sobre médicos mineiros que estão entre os precursores da Psicanálise no Brasil. Constatamos que a influência da Psicanálise na obra naveana não foi apenas um instrumento para as considerações do autor sobre sexualidade, atos falhos, associações, alucinações, idéias suicidas, etc; principalmente, foi determinante em sua conduta nas relações médico – paciente e aspectos que envolvem a Memória, e, a partir disto, Nava criou textos literários que são documentos para os estudos sobre este temas.

O médico Pedro Nava, escrevendo suas Memórias, dissecou a sociedade brasileira e mostrou suas entranhas. Quando menino, observou a permanência de práticas galênicas em tratamento a pessoas de sua família. Jovem, estudou em uma instituição que foi ícone das propostas da organização da Medicina científica brasileira. Contemporaneamente ao curso de Medicina foi participante do Modernismo que apresentou propostas diversas para a construção de um novo Brasil. Filho de família empobrecida, pode com o “capital social” de suas relações pessoais, inserir-se na elite intelectual e médica do país. Podemos observar, na obra de Nava, o caráter antropofágico da sociedade brasileira, notada por Oswald de Andrade em 1928. Sociedade que digeriu a Psicanálise e a transformou em um dos elementos da cultura nacional nas décadas posteriores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO DO MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA (AMLB) – Fundação Casa Rui Barbosa – PN1153, PNO24.

BRASIL, PSICANÁLISE E MODERNISMO. São Paulo: MASP, 2001 (catálogo de exposição).

DUNKER, Christian Inngo Lenz. Inscrições da Psicanálise na cultura brasileira: modelos de tratamento e modos de subjetivação. In: *Revista de Psicoanálisis y cultura*; [www.acheronta.org](http://www.acheronta.org), 2002.

NAVA, Pedro. *Beira – mar – memórias 4*; 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

----- . *O círio perfeito – memórias 6*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

----- . *Território de Epidauro*. Rio de Janeiro: C. Mendes Junior, 1947.

PIMENTEL, Iago. *Noções de Psychologia aplicadas à educação*; 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

VALE, Vanda Arantes. A contribuição da obra de Pedro Nava para a História da Medicina brasileira (1890-1940). In: *Verbo de Minas*/publicação da pós-graduação do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora: CES, v.3, n.5, 2001, p. 59 – 70.